

DF está livre da malária

O Distrito Federal é uma região não malárica, assim declarada pela Organização Mundial de Saúde. Mesmo assim, a rede de saúde pública atende cerca de 500 casos por ano, vindos principalmente das regiões Norte e Centro-Oeste. Ano passado, foram registrados 460 casos com quatro mortes. Apenas cerca de 15% desse total foram notificados pela rede de saúde à Sucam, as demais pessoas procuraram diretamente os laboratórios do órgão, que colhem o material, diagnosticam e, muitas vezes, assumem o tratamento.

O diretor regional da Sucam no DF, Edmar Cabral, disse que o País é dividido em duas partes quando se fala em erradicação da malária. A Região Amazônica, área de erradicação a longo prazo, e o resto do País, com erradicação a curto prazo. Segundo ele, uma área para ser malárica deve apresentar dois fatores básicos: receptividade e vulnerabilidade. "O Distrito Federal é vulnerável, pelo grande fluxo migratório, recebe muitas pessoas com a doença mas não tem o mosquito transmissor, o que quebra o elo da corrente", acrescentou.

Em Brasília, a Sucam dispõe de três laboratórios para coleta de material e diagnóstico da doença, além do laboratório instalado no Hospital Regional de Sobradinho. Dois dos laboratórios funcionam na sede da Sucam, no Setor de Indústria e Abastecimento, trecho 4, lote 750. São o laboratório de base da diretoria regional e o laboratório central da Sucam, responsável pela revisão e controle de qualidade dos exames realizados em todos os laboratórios regionais do País. O terceiro funciona no prédio anexo do Ministério da Saúde.

Em cada caso notificado, é feita uma investigação sobre a procedência, com visitas às residências e realização de exames dos familiares. Cada hospital da rede pública dispõe de medicamentos e esquemas de tratamentos, muitas vezes feito em conjunto com agentes de saúde da Sucam. (G.F.)